

Aproximações Especulativas entre a Teoria do Valor-Dissociação e (Crítica da) Economia Política da Comunicação ¹

Rafaela Martins de SOUZA²

Manoel Dourado BASTOS³

Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer uma relação entre a teoria feminista da dissociação-valor de Roswitha Scholz e o conceito crítico dialético de forma-comunicação desenvolvido por César Bolaño com a intenção de demonstrar que as categorias de opressão patriarcal são um movimento estruturante do capitalismo e não, meramente relações aparentes na esfera de sua circulação e que, sendo processos estruturantes, estão também presentes na forma-comunicação. Ao fim, pretendemos apontar as contribuições que as duas teorias oferecem uma a outra e levar uma discussão feminista para os estudos de (crítica) da economia política da comunicação que seja coerente com as categorias marxianas.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da dissociação-valor; forma-comunicação; feminismo; economia política da comunicação.

Apresentação

O presente texto irá desenvolver uma aproximação, de ordem investigativa, entre o debate crítico feminista e os estudos de comunicação. Mais particularmente, trata-se de desenvolver argumentos especulativos a partir da correlação conceitual entre a teoria da dissociação-valor, de Roswitha Scholz, e a crítica dialética da forma-comunicação, de César Bolaño. A premissa do presente texto é que a economia política da comunicação é um âmbito bastante adequado para uma aproximação com a crítica feminista do patriarcado capitalista. Essa premissa se funda no fato de que a crítica do patriarcado

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do curso de Ciências da Comunicação da Universidade de Coimbra, (FL-UC), e-mail: rafaelamartins1990@hotmail.com.

³ Professor Adjunto do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina, (UEL), e-mail: manoel.bastos@gmail.com.

produtor de mercadorias de Scholz compartilha diversos aportes conceituais com a (crítica) da economia política da comunicação tal qual desenvolvida por Bolaño, a partir de uma visada dialética da produção teórica de Karl Marx.

Roswitha Scholz é a responsável pela cunhagem conceitual da crítica da dissociação-valor. Ela desenvolveu um arcabouço teórico que tem por objetivo criticar a essência do chamado patriarcado capitalista a partir de uma apresentação da dissociação em mediação dialética com o valor (cf. entre outros, SCHOLZ, 1996, 2013). Assim, Scholz opera segundo os termos da crítica do valor; contudo, ela afirma que a abordagem marxiana carece de fundamentar a assimetria entre os sexos tematizada pela crítica feminista. Como veremos adiante, a argumentação de Scholz, que aponta as limitações da crítica do valor, faz o campo marxiano saltar para um patamar ainda mais complexo da totalidade das relações sociais a que pretende abordar dialeticamente.

Vamos sugerir que a crítica dialética da forma social da comunicação, que tem em César Bolaño seu expoente mais destacado, encontra uma fundamentação que pode aguçar a economia política da informação, comunicação e cultura para âmbitos sociais pouco tematizados por seus autores e autoras. Recentemente a Intercom apontou a pertinência e urgência do debate sobre a assimetria entre os sexos para os estudos da comunicação, assim como a Ulepicc que passou a dedicar esforços a fim de estabelecer relações com a crítica feminista. Temos certeza que a articulação teórica que será proposta neste texto caminha num sentido que ganha em força crítica para a abordagem proposta.

Para dar consequência ao argumento, faremos, em uma primeira passagem a exposição sumária do arcabouço conceitual de Scholz. Acompanharemos panoramicamente as proposições em torno da análise da assimetria entre os sexos segundo a teoria da dissociação-valor, nos ocupando principalmente dos conceitos de “princípio masculino” do valor e a “esfera feminina” dissociada, que operam já na aparência das formas sociais, observando aí a lógica historicamente determinada das questões e seus aspectos concretos. Numa segunda passagem, apresentaremos articulações entre os argumentos de Scholz e aspectos da particularização da forma-comunicação promovida por Bolaño, nos concentrando fundamentalmente em avaliar a forma social da comunicação como uma expressão do “princípio masculino” e como isso se relaciona com a “esfera privada feminina”, visando uma avaliação da audiência como mercadoria. Nas considerações finais, apresentaremos a revisão das propostas expostas e aquelas que indicamos ser contribuições do conceito de crítica da dissociação-valor de

Scholz para a economia política da comunicação recapitulando, assim, os principais argumentos do texto.

Roswitha Scholz e a Crítica do Valor-Dissociação

A questão da desigualdade e dominação sexuais no âmbito do materialismo costuma ser colocada em meio a bastante controvérsia, querelas que Roswitha Scholz tematiza em seus ensaios, buscando uma superação das abordagens anteriores. No sentido mais vulgar, o materialismo tende a rejeitar os debates sobre a desigualdade e dominação sexuais, acusando-os de tirar o foco do aspecto principal da luta de classes. Esse sentido mais vulgar, e bastante problemático, é suplantado por concepções que repensam essa hierarquização da desigualdade e dominação social, crescentemente se distanciando do materialismo.

De maneira bastante esquemática, é possível apontar ao menos dois campos que se colocam diante desse materialismo vulgar e com os quais Scholz dialoga criticamente. De um lado, o feminismo marxista, que tematiza as relações entre mulher e trabalho, visa superar a neutralidade sexual da teoria marxista estabelecendo uma correlação de semelhança ou analogia entre trabalho doméstico e trabalho assalariado, ainda assim subordinando a desigualdade e dominação sexuais à luta de classes. De outro, as visadas culturalistas, resultantes das concepções pós-estruturalistas e desconstrucionistas que dominaram o debate em fins dos anos 1980 e nos anos 1990, que rechaçaram a teoria marxista e recolocaram a discussão segundo os termos conceituais de gênero e da identidade, numa espécie de ontologização das diferenças que pretendia eliminar qualquer referência à totalidade em nome dos aspectos relacionais da ordem discursiva.

Acompanhando de maneira sumária as avaliações de Scholz (cf., entre outros, 1996, 2011 e 2013), podemos afirmar que o feminismo marxista deu o tom do debate até meados dos anos 1980, quando a discussão sobre a assimetria entre os sexos deu lugar aos debates de gênero, de corte culturalista e inspiração pós-estruturalista e desconstrucionista. Mais recentemente, o avanço do neoliberalismo recolocou a urgência crítica diante da chamada “questão social”, de modo que o feminismo marxista saiu de seu relativo ostracismo gerando uma solução de compromisso com as visadas culturalistas, o que recolocou a discussão sobre a interseccionalidade entre âmbitos tidos por distintos da desigualdade e dominação sociais e, assim, atualizando e deslocando as questões de classe e sexo, que são observados em suas particularidades contingentes, a

partir de onde são reconhecidas suas correlações.⁴ Nesses termos, a luta contra a desigualdade e dominação sexuais ganha um estatuto análogo à luta de classes, de maneira que a crítica feminista passa a exigir da abordagem materialista que as observe em conjunto, sem reduzir uma à outra. Sem demérito ao programa da interseccionalidade, observamos que sua pauta ainda não é capaz de resolver o problema exposto por Scholz (e defendido no presente trabalho) porque opera apenas na esfera da aparência, em uma dimensão contingente da socialização.

De fato, o que une os campos do feminismo marxista e da concepção culturalista é uma espécie de abordagem trans-histórica⁵, fundamento teórico que Scholz tensiona superar. No caso do feminismo marxista, a atenção aos elementos do trabalho doméstico reivindicou a este um estatuto idêntico ao trabalho assalariado como tal, estabelecendo lutas por remuneração às mulheres que permaneciam cuidando de casa, por exemplo. O fundo conceitual aqui, conforme podemos acompanhar na avaliação crítica de Scholz, é a ontologia do trabalho abstrato do marxismo tradicional. Nesses termos, a assimetria entre os sexos só poderia ser abordada por meio do quadro categorial do trabalho ontologicamente reconhecido. Em nenhum momento, causava espanto o fato de a forma do valor se autovalorizar como um movimento fetichista. Apenas sua distribuição desigual era posta em causa, e para tanto, a solução apontada era sempre uma justiça distributiva (SCHOLZ, 2011). O encontro entre os termos opera no âmbito aparente.

Por sua vez, a crítica culturalista aponta para certa precedência do patriarcado sobre o capitalismo, avaliando a desigualdade e dominação de gênero também em termos trans-históricos. No contexto pós-estruturalista e dos debates sobre o poder daí derivados, a “mulher” surge em uma perspectiva conceitual ontológica e avaliações por aí orientadas se transformam em estudos de caso de vivências contingentes. Animava, ao pós-estruturalismo das concepções culturalistas, o colapso da União Soviética, que daria razão

⁴ Aqui não teremos condições de tematizar o racismo, foco decisivo dos debates em torno da interseccionalidade. De qualquer modo, cumpre lembrar que os desdobramentos teóricos da dissociação-valor promovidos por Scholz alcançam uma crítica do racismo bastante contundente. Cf. p.ex., SCHOLZ, 2004 e 2014. Sabemos, aliás, que a teoria da dissociação-valor ganha em vigor crítico justamente quando alarga o escopo de sua abordagem, na medida em que vence certo caráter contingente da interseccionalidade, apontando para o centro elementar daquilo que é reconhecido apenas na aparência. Aqui, estamos investigando especulativamente os primeiros elementos para desenvolver a articulação entre a abordagem da forma-comunicação por meio da dialética da derivação das formas e a crítica da cisão do valor.

⁵ O aspecto trans-histórico do feminismo marxista e do marxismo dos trabalhadores predominante no século XX que Scholz pretende superar é a assunção de que o trabalho é ontologicamente abstrato e não a concepção de que essa abstração é forjada dentro dos limites da lógica capitalista.

ao abandono da concepção marxista da totalidade em favor de uma abordagem renovada de casos concretos contingentes.

Curiosamente, é a concepção ontológica do poder e sua articulação trans-histórica discursiva, numa aproximação desconstrucionista, que coloca em relevo as dimensões identitárias contingentes e localizadas. Quando descamba para uma operação meramente discursiva, as operações de luta feminista se tornam circunscritas ao universo capitalista e o jogo vira uma disputa por poder (no sentido foucaultiano) e reconhecimento de indivíduos historicamente calados e oprimidos. Sem considerar a estrutura das opressões, esse jogo é rapidamente cooptado pela lógica do capital e desvanece qualquer tentativa de emancipação generalista. O problema aqui não são mais as estruturas que permitem a desigualdade e o que se propõe são estratégias para indivíduos pertencentes às classes minoritárias poderem disputar esferas de poder dentro do capital (e assim subjugar, inclusive seus pares). Mais uma vez, é uma estratégia limitada à aparência.

A partir de uma leitura particular de Marx, Scholz foca na totalidade das relações sociais, reconhecendo a necessidade de articulação entre aparência e essência, se filiando assim à abordagem dialética da crítica do valor, a fim de superar as concepções que tendem ao mecanicismo do marxismo tradicional. A crítica do valor desloca a centralidade da luta de classes na teoria marxista e se concentra em esquadrihar criticamente os aspectos relativos ao valor de troca, ao trabalho abstrato e ao fetichismo da mercadoria, entre outros conceitos decisivos de *O Capital*. Nesse sentido, para Scholz trata-se de criticar a ontologia do trabalho que, desde o marxismo tradicional, interessa o feminismo marxista, de maneira que importa reconhecer a autovalorização do valor em seu caráter lógico e assim demarcar historicamente o capital e, conseqüentemente, o patriarcado. Nesses termos, a correlação entre trabalho doméstico e trabalho assalariado é criticada por fundar-se na ontologia do trabalho tal qual Scholz aponta no marxismo tradicional, na medida que se assenta na ideia de que a assimetria entre os sexos só poderia ser observada pela mediação do trabalho. Deslocando o problema de sua manifestação aparente, Scholz intenciona comprovar que a divisão e dominação sexual é uma categoria estruturante do processo capitalista e primordial para sua existência.

Scholz, contudo, também coloca a necessidade de superar aspectos problemáticos da crítica do valor. Isso porque mesmo no âmbito da crítica do valor a assimetria entre os sexos ganha um caráter secundário. Ao buscar uma exposição da sociabilidade capitalista tendo por escopo a apresentação do valor que se autovaloriza, a crítica do valor opera

uma abordagem dialética das relações entre essência e aparência, substância e forma, em dia com o pensamento marxiano. Porém, a partir dessa abordagem no âmbito da crítica do valor, a assimetria entre os sexos é entendida como uma espécie de aparência cuja essência é o capital, a autovalorização do valor.

Num prisma totalmente diferente, Scholz critica aquilo que entende como uma concepção sexualmente neutra da crítica do valor, em mais de um sentido herdada do próprio Marx. Para isso, ela busca reter a centralidade da assimetria entre os sexos, mas apontando para seu caráter historicamente determinado e, com isso, tentando operar uma crítica das abordagens que promovem uma ontologia do feminino, bem como a ontologização do poder e os termos contingentes e localistas do identitarismo. A questão que se apresenta para Scholz, então, é saber “qual o caráter sexual específico da lógica do valor”, qual “o caráter de dominação da relação entre os sexos na forma-valor”, qual é o “princípio masculino” que não reconhece a dominação masculina como um aspecto derivado (SCHOLZ, 1996, *passim*). O que se coloca é que o feminino cindido não contém valor, e, portanto, ao ficar fora da forma do valor, compõe estruturalmente o patriarcado capitalista como um elemento fundante⁶.

No ensaio “O valor é o homem”, publicado no início da década de 1990 e no qual avança pela primeira vez seu aporte teórico, Scholz (1996) apresenta a definição central do mecanismo de dissociação (ou cisão, como ocorre em algumas traduções):

O núcleo de minha tese é o seguinte: a contradição básica da socialização através da forma-valor, de matéria (conteúdo, natureza) e forma (valor abstrato) é determinada com especificação sexual. Todo conteúdo sensível que não é absorvido na forma abstrata do valor, a despeito de permanecer como pressuposto da reprodução social, é delegado à mulher (dimensão sensível, emotividade, etc.) (SCHOLZ, 1996, p. 18).

Contudo, a dissociação não pode ser compreendida em termos derivados, como uma particularização aparente da forma de valor. Assim, ao mesmo tempo em que é um elemento integrante da socialização pelo valor, a assimetria entre os sexos lhe é exterior – ou melhor, ela é constitutiva da socialização pelo valor exatamente por lhe ser exterior. Em vez de inserir externamente, ou em derivação, a dominação masculina e a assimetria entre os sexos, é preciso “levar em conta o mecanismo patriarcal da cisão – não no sentido

⁶ Não é uma questão moral de tentativa de apontar o valor como algo bom e desejável e o “não-valor” como algo ruim. Essas designações morais só servem aos interesses do capitalismo, o que comprova seu caráter essencialmente excludente e opressor no que diz respeito às esferas da reprodução da força de trabalho e a tudo que está “fora” da produção de valor.

de um acréscimo externo, mas no de uma alteração qualitativa da própria teoria do valor, que seria assim também uma crítica do patriarcado” (SCHOLZ, 1996, p. 18). Scholz expõe, portanto, uma mediação dialética entre a assimetria entre os sexos e a autovalorização do valor. “A constituição do valor, sexualmente específica, produz em última instância a repartição conhecida dos papéis entre os sexos; o ‘feminino’ assim adjudicado torna-se a condição de possibilidade do princípio masculino do ‘trabalho abstrato’” (SCHOLZ, 1996, p. 18).

Como Scholz apresenta seus argumentos por meio do pensamento dialético, as relações entre aparência e essência permanecem importantes – ela não reconhece que o “feminino” e a “dominação masculina” sejam elementos que surgem apenas como momento aparente, portanto derivados, entendendo-os como aspectos essenciais, em sua dissociação, da autovalorização do valor. A dissociação é um elemento estruturante, dinâmico e negativo.

Nestes termos, nos parece absolutamente possível particularizar a forma-comunicação, tal qual determinada por César Bolaño (2000) segundo o método da derivação das formas, seguindo os elementos da dissociação-valor de Roswitha Scholz. Assim, ainda que à maneira de uma investigação inicial, passaremos a apresentar algumas particularizações da forma-comunicação a partir de elementos definidos por Scholz em seus ensaios, sobretudo a dimensão relativa às esferas privada e pública, segundo o mecanismo da dissociação.

O “Princípio Masculino” da Forma-Comunicação e a “Esfera Feminina”

Nos termos da (crítica da) economia política da comunicação, a comunicação é uma forma social que pode ser logicamente derivada da forma elementar do modo de produção capitalista, a saber, a mercadoria como forma da autovalorização do valor. Os termos gerais dessa exposição se encontra no trabalho seminal de César Bolaño (2000), que aborda dialeticamente a comunicação segundo o “método da derivação das formas” (BOLAÑO, 2003). O que proporemos daqui em diante diz respeito a uma abordagem dialética da forma-comunicação a partir da exposição crítica de Roswitha Scholz sobre a dissociação-valor, entendendo que aquela derivação lógica apresentada por Bolaño ganha em contornos críticos ao incorporar a ideia de constituição sexualmente assimétrica e historicamente específica do valor. Neste momento, não se trata de afirmar categoricamente as relações entre a dissociação-valor e a forma-comunicação, mas de

propor especulativamente algumas particularizações para, em outro momento, avaliar sua pertinência. Ou seja, para agora, trata-se de trazer a proposta para a avaliação e debate.

Assim, a primeira coisa a se constatar é que, tendo em vista que o fundamento da socialização no patriarcado capitalista, tal qual afirma Scholz, está na cisão do valor, a forma-comunicação deve ser derivada logicamente desse aspecto elementar. Ou seja, a partir daí afirmamos especulativamente que a forma-comunicação não é sexualmente neutra. Com isso, queremos dizer que a forma-comunicação não é a aparência, a expressão sexualmente assimétrica de uma estrutura elementar sexualmente neutra, que seria a autovalorização do valor. Pelo contrário, ao derivarmos a forma-comunicação da forma elementar da autovalorização do valor, sugerimos que se deve levar conta a cisão de valor como fundamento. Ou seja, a forma-comunicação precisa ser caracterizada segundo o “princípio masculino” do valor. Nesse sentido, passaremos a especular sobre o “princípio masculino” da forma-comunicação e sua articulação com a “esfera feminina” dissociada, já entendida no campo da aparência.

O momento lógico em que se apresenta a forma-comunicação corresponde à abordagem a respeito dos “portadores da mercadoria”, tal qual exposto por Marx (2017) no capítulo 2 de *O Capital*. Ao pôr os portadores da mercadoria, ou seja, ao tomar como ponto de partida da abordagem os agentes da troca que levam ao mercado objetos que devem se tornar valores de uso para um outro e valor de troca para si, a exposição lógica desse momento pressupõe a forma do valor e o fetichismo da mercadoria. Segundo os princípios marxianos da crítica do valor, Bolaño (2000) acertadamente apresenta esse momento como o encontro de sujeitos iguais, a aparência cujo fundamento é a desigualdade das relações de trabalho – motivo pelo o qual Bolaño se encaminha, seguindo Marx, para o obscuro espaço da fábrica e apresenta a informação de classe.

Nos termos da teoria da dissociação-valor de Scholz, esse momento de relação dos agentes da troca está fundamentado num “princípio masculino”, na exata medida em que “o valor é o homem” (SCHOLZ, 1996). Seguindo os passos de Scholz, a forma social da comunicação precisa ser entendida como expressão desse “princípio masculino”. Logo, a igualdade aparente entre os agentes da troca é já ela mesma fundamentada numa cisão estruturante da socialização pelo valor, a saber: a assimetria entre os sexos que necessariamente dissocia aspectos da reprodução social então compreendidos como femininos, alheios ao valor e que aparecem como próprios da esfera privada, enquanto que o âmbito do valor cinde-se seguindo um “princípio masculino”, ou seja, aparece como

público. Assim, como fluxo de informações necessário ao momento da circulação simples, a forma-comunicação opera no âmbito da esfera pública, em que impera a determinação “masculina”.

Scholz observa a dialética entre esses âmbitos da seguinte maneira:

Simplificando ao extremo, poder-se-ia dizer: aquela divisão das esferas e o patriarcado guardam uma relação de reciprocidade. Quanto menos desenvolvida é a esfera pública, mais difuso e menos nítido é o influxo do patriarcado na sociedade como um todo. E vice-versa: quanto mais desenvolvida é a relação de valor, quanto mais claro é o divórcio entre esfera pública e privada, mais inequívoca é a estrutura patriarcal (SCHOLZ, 1996, p. 19).

Significa dizer que a dialética da forma-comunicação, observável por meio da particularização de suas funções até a exposição histórica da indústria cultural (BOLAÑO, 2000), pode incorporar como abordagem crítica a noção de que seu desdobrar diz respeito aos aspectos elementares da estrutura patriarcal capitalista⁷. A crítica dialética da forma-comunicação desvela o caráter contraditório da “esfera pública”, na medida em que entende a igualdade dos agentes da troca como aparência cujo fundamento é a abstração humana pelo trabalho, proprietários de mercadorias cuja ação volita é a realização dos desejos da própria mercadoria (Cf. BASTOS, 2018, em diálogo com BOLAÑO, 2000).⁸ A observação dialética da cisão do valor define o “princípio masculino” da forma social da comunicação, que fundamenta aquela aparência contraditória de igualdade de seres humanos cuja vontade reside nas mercadorias que

⁷ Após revisar seu texto seminal “O valor é o homem”, Scholz aponta que, com o amadurecimento e revisão de sua teoria, ela percebeu que a separação das esferas não identifica a dissociação estrutural que a autora buscava, apontando já para o âmbito da aparência. No entanto, como nível concreto da análise, optamos aqui por ressaltar tal aspecto porque é ele que se conecta estruturalmente com a problemática levantada por Bolaño. Entendemos, então, que é possível operar o trabalho do concreto dialético a partir das separações sexuais das esferas rumo ao nível estrutural, quando utilizamos como objeto aparente o caráter contraditório da “esfera pública” a partir da interpretação da forma-comunicação em um movimento que vai da aparência à essência.

⁸ Aqui, caberia estender a caracterização contraditória já no âmbito dos agentes da troca, na medida em que eles representam vontades distintas das mercadorias em suas formas, ora relativa, ora de equivalência. Isso nos levaria a mostrar o fundamento contraditório da igualdade aparente dos agentes em outros termos que não o momento apenas no “espaço obscuro da fábrica”, mas já no fundamento do fetichismo da mercadoria – o que colocaria os sujeitos da comunicação já em aspectos contraditórios particularizados das contradições do valor e suas formas. Por agora, contudo, basta afirmar a cisão do valor e a caracterização do âmbito do valor por meio do “princípio masculino” para daí observarmos a forma-comunicação.

possuem. Assim, a noção de esfera pública⁹ ganha outros contornos, próprios do patriarcado produtor de mercadorias.

Contudo, é importante ressaltar que, ao observarmos a forma-comunicação como um fluxo de informações que circula na “esfera pública”, temos ciência de que não se restringe a esse âmbito. Especialmente, não podemos esquecer que o desenvolvimento histórico de suas funções, que culmina na indústria cultural, a levou sempre a novos arranjos de seus termos com a “esfera privada”. Em nenhum momento histórico a separação entre as esferas as torna âmbitos absolutamente estanques e hermeticamente fechados. Scholz é enfática ao lembrar que “princípio masculino” e “esfera feminina” não se restringem aos homens e mulheres empíricos, funcionando muito mais como uma lógica historicamente sedimentada – portanto, não há uma “mulher” ontológica ou biologicamente determinada, mas historicamente constituída e pressionada para aparecer ajustada à sua representação reificada.

Assim, é justamente o grau de articulação entre essas esferas, os termos em que se organiza a proeminência do “princípio masculino” sobre as “características femininas”, que mostra concretamente o grau de funcionamento do patriarcado produtor de mercadorias. Afinal de contas, o aspecto estrutural é dinâmico ele também. Ademais, tendo em vista que a tese central da crítica do valor a que Scholz se filia diz respeito justamente à interpretação dessa dinâmica como movimento do capital a partir de seu limite interno, a cisão do valor se move mais ou menos segundo a agudização da crise como seu fundamento.

A “esfera pública”, onde age o sujeito da comunicação, fundamentado em seu “princípio masculino” e na cisão da “esfera feminina” aparente como âmbito privado da reprodução social, é a morada *produtiva* da forma-comunicação. Seu alcance, seu raio de ação, contudo, continuamente extrapola esse âmbito de diferentes maneiras, de acordo com as necessidades sociais de desenvolvimento do patriarcado produtor de mercadorias.

⁹ Além da esfera pública encobrir, então, as relações assimétricas entre o portador dos meios de produção e o detentor da força de trabalho, ela, na mesma medida encobre a participação inexistente de tudo que é confluyente ao universo categorizado como “feminino” (independente de ser executado, no plano individual, por homens ou mulheres). Ou seja, a esfera pública é a oposição à esfera privada; a ela só concerne os problemas da circulação do valor, mas, o trabalhador, que só detém sua força de trabalho, “só se sente, por conseguinte e em primeiro lugar, junto a si [quando] fora do trabalho e fora de si [quando] no trabalho. Está em casa quando não trabalha e, quando trabalha, não está em casa” (MARX, 2004, p.83). Na mesma medida em que o trabalhador só opera na esfera pública como força de trabalho abstrata, as atividades domésticas circunscritas ao universo feminino só aparecem nesta mesma esfera quando transformadas em mercadoria pelo capital e apropriadas, assim, pela lógica masculinista. Não existe, portanto, uma esfera pública operada pela categoria feminina, porque sua própria operação é exclusiva.

Podemos, portanto, afirmar que a forma-comunicação atua também (e cada vez mais) sobre a “esfera privada”.¹⁰ Aqui, numa intersetivação dialética, aquilo que é externo ao valor e que se funda como “feminino”, fundamento dissociado da autovalorização do valor, o *locus* que abriga as atividades necessárias, porém alheias à forma do valor e sua dinâmica, se torna o espaço no qual o trabalho da comunicação também busca caminhos para sua *realização*.

Ao particularizar a forma-comunicação, Bolaño (2000) apresenta as funções propaganda e publicidade, dando conta dos fundamentos referentes ao Estado e ao mercado. Acompanhando de maneira demasiadamente simplificada os argumentos de Bolaño, podemos afirmar que enquanto a função propaganda lidaria com os elementos ideológicos, próprios da forma política do capital, a função publicidade estaria afeita às demandas referentes à circulação das mercadorias, atuando ideologicamente como propagadora dos modos de vida relacionados ao modo de produção capitalista. A indústria cultural seria um desenvolvimento histórico a fim de conjugar as demandas contraditórias do capital em geral, cujo papel cumpre o Estado, e do capital individual, com sua dinâmica concorrencial, em meio ao capitalismo monopolista. A função programa, particularizada por Bolaño (2000) ao fim de sua obra, viabiliza, por meio dos padrões tecnoestéticos, a reciprocidade entre aquilo que oferece a indústria cultural e as necessidades simbólicas das pessoas tornadas como *audiência*.

A “esfera privada”, cujo fundamento é a assimetria entre os sexos própria ao patriarcado capitalista, se apresenta como um âmbito bastante característico em que a indústria cultural torna as pessoas audiência. Então, produzida segundo os preceitos do “princípio masculino” da “esfera pública” como forma social da autovalorização do valor, a forma-comunicação também se realiza na esfera privada “feminina”, cujo fundamento é o externo ao valor. Historicamente, a indústria cultural passou a concentrar na casa, no habitat mais característico da “esfera privada feminina”, o âmbito de sua realização. Se a forma-comunicação responde às necessidades do cidadão burguês na “esfera pública”, portanto ao “princípio masculino” da autovalorização do valor, seu desdobramento em indústria cultural visou cada vez mais o espaço da esfera privada “feminina”, externo ao valor, o que não deixa de ser uma confirmação da assimetria entre os sexos. O

¹⁰ Atualmente, seria o caso mesmo de dizer a intimidade. Fica a questão para um debate baseado na (crítica da) economia política da comunicação sobre aspectos da sexualidade nesse âmbito da intimidade, tão próprio.

desenvolvimento da indústria cultural, da II Guerra Mundial em diante, é o correlato histórico da maior presença das mulheres no mercado de trabalho assalariado – questão que exige mais estudo conceitual e empírico a partir da dialética das formas e da (crítica da) economia política da comunicação.

Ao apresentar a duplicidade de mercadorias na indústria cultural e seu duplo caráter, Bolaño (2000) nos dá uma série de motivos para corroborar e refinar o argumento acima apresentado. “Os trabalhos concretos dos artistas, jornalistas e técnicos criam duas mercadorias de uma vez: o objeto ou o serviço cultural (o programa, a informação, o livro) e a audiência” (BOLAÑO, 2000, p. 222). De um lado, produz o objeto cultural ou comunicativo, de outro, transforma as pessoas em audiência. Assim, a quantidade de exposição das pessoas ao objeto cultural ou comunicativo gerado pelo trabalho concreto de artistas, jornalistas e técnicos é o que dá a medida homogênea a ser negociada pelos burocratas da indústria cultural e os anunciantes. O anunciante busca um ser humano concreto, mas no processo de compra encontra um ser humano abstrato (quantificado em medidas de audiência e qualificado segundo características médias).

A utilidade de um objeto cultural ou comunicativo para o anunciante está na possibilidade de se comunicar com indivíduos concretos e, para este, o valor de uso se encontra na oferta de entretenimento. A partir disso, Bolaño afirma que aquele indivíduo concreto, reconhecido como trabalhador, se torna objeto: “não é apenas sua força de trabalho que se torna mercadoria, mas sua própria consciência e seus desejos são apropriados para facilitar a acumulação do capital” (BOLAÑO, 2000, p. 227). Ao estabelecer as semelhanças entre soberania e subordinação do trabalhador no mercado de trabalho e no mundo do lazer, Bolaño critica a concepção de Dallas Smythe (1977) que enxerga a atividade da audiência como trabalho. Aqui, a teoria da dissociação-valor reforça o argumento de Bolaño e, por sua vez, define os contornos da forma-comunicação em seu estado de indústria cultural.

A “esfera feminina”, o âmbito doméstico em que se cumprem as atividades dissociadas do valor, é o espaço em que o “princípio masculino” da forma-comunicação se impõe em definitivo como subordinação da consciência do trabalhador (aliás, seja ele homem ou mulher). Cumpre, assim, as condições de valorização da mercadoria da indústria cultural e a subordinação dos seres humanos ao domínio ideológico do patriarcado produtor de mercadorias. A partir dessas primeiras deduções, o debate sobre a satisfação de necessidades da reprodução simbólica, desdobrados por Bolaño (2000) na

continuidade de seu texto, pode ser levado a um outro patamar em que a cisão do valor seja levada em conta.

Considerações Finais

Ao longo do texto, apresentamos algumas especulações sobre a aproximação entre a teoria da dissociação-valor de Roswitha Scholz e a crítica dialética da forma-comunicação de César Bolaño. Parece-nos adequado afirmar que tais proposições investigativas podem cumprir dois papéis. O primeiro, dotar o debate feminista sobre a comunicação de um aporte conceitual crítico, que reconheça os elementos fundantes do patriarcado produtor de mercadorias em sua lógica historicamente determinada, distante, portanto, de qualquer ontologia do feminino e de suas avaliações contingentes. O segundo, levar ao âmbito da Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura o debate crítico feminista em termos que não lhe sejam estranhos, ao mesmo tempo que intenciona superar a assimetria entre os sexos que, ao fim e ao cabo, também a estrutura.

Isso é possível porque Roswitha Scholz apresenta um arcabouço conceitual que visa superar a crítica do valor naquilo que tal teoria não conseguiu tematizar a contento: a assimetria entre os sexos. Sem se descurar dos principais conceitos em torno da forma de valor, do trabalho abstrato e do fetichismo da mercadoria, a autora aponta que as diferenças sexuais opressivas não operam apenas na aparência. Os conceitos marxianos, por conseguinte, saem fortalecidos em sua capacidade crítica ante a totalidade das relações sociais reificadas e fetichizadas.

Consequentemente, o âmbito da Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura ganha em escopo sem, com isso, recorrer ao arsenal conceitual pós-estruturalista, ao qual reage, ou reduzir sua abordagem dialética ao culturalismo, o que faria com que o subcampo deixasse de ter sustentação. Esperamos que a investigação especulativa aqui apresentada comece a render frutos e, após uma exposição teórica mais detalhada e concentrada em seus fundamentos lógicos, abra caminho para abordagens empíricas de diferentes alcances.

REFERÊNCIAS

BOLAÑO, César. **Indústria cultural**: informação e capitalismo. São Paulo: Pólis/Hucitec, 2000. _____ . Da derivação à regulação: para uma abordagem da Indústria Cultural. **Eptic**. Aracajú, Vol. IV, n. 03, 2003. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/download/405/536>. Acesso em: 30/06/2019.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O Capital: Crítica da Economia Política**. Livro I: O Processo de Produção do Capital. Tradução de Rubens Enderle. 2a. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

SCHOLZ, R. O Valor é o Homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo, nº 45, julho de 1996, pp. 15-36.

_____. A Nova Crítica Social e o Problema das Diferenças: Disparidades econômicas, racismo e individualização pós-moderna - Algumas teses sobre o valor-dissociação na era da globalização, 2004. Disponível em: http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz3.htm. Acesso em: 30/06/2019.

_____. Sobre o conceito de valor e de dissociação-valor. In: SCHOLZ, R. **O Sexo do Capitalismo: Teorias feministas e a metamorfose pós-moderna do capital**. 2ª Edição. Tradução para o português de excertos, 2011. Disponível em: http://www.obeco-online.org/livro_sexo_capitalismo.htm. Acesso em: 30/06/2019.

_____. El Patriarcado Productor de mercancías: Tesis Sobre Capitalismo y Relaciones de Género. **Constelaciones** – Revista de Teoría Crítica. nº 5, dezembro de 2013. Disponível em: <http://constelaciones-rtc.net/article/view/815/869>. Acesso em: 30/06/2019.

_____. **Homo Sacer e os ciganos**: o anticiganismo – reflexões sobre uma variante essencial e por isso esquecida do racismo moderno. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. Nota Prévia ao ensaio “O Valor é o Homem”. Junho de 2017. Disponível em: <http://www.obeco-online.org/rst1.htm>. Acesso em: 30/06/2019.

SMYTHE, Dallas. Communications: Blindspot of Western Marxism. **Canadian Journal of Political and Social Theory/Revue canadienne de théorie politique et sociale**. Vol 1, No 3, 1977. Disponível em: <https://journals.uvic.ca/index.php/ctheory/article/view/13715>. Acesso em: 30/06/2019.